

**POR UMA RAZÃO TENSA:
A FILOSOFIA COMO CRÍTICA E SIGNIFICAÇÃO**

Prof. Dr. Gleen Walter Erickson (UFRN)

ANDRADE, Abrahão Costa. *Por uma razão tensa: a filosofia como crítica e significação*. Natal: EDUFRN, 2008. 148 páginas. ISBN: 978-85-7273-363-2.

O livro é composto por duas partes e antecedido por uma breve “Apresentação”. A primeira parte é intitulada “A filosofia na rua” e apresenta seis ensaios por assim dizer “exotéricos”: “Para que serve filosofia”; “A filosofia entre crítica e significação”; “A filosofia na experiência da modernidade”; “Ambigüidades do moderno: a filosofia pensando a prostituição”; “Teoria social e prosa do mundo”; “A corrupção ronda a liberdade”. Conforme palavras do autor, “são ensaios em sua maioria tornados públicos sob a demanda de uma maior inserção da filosofia nos debates de nosso tempo, sempre carentes” (p. 11). A segunda parte, “Algumas pedras na rua da filosofia”, compõe-se de cinco ensaios e uma entrevista dada ao professor Arturo Gouveia.

Os ensaios, que poderiam ser chamados “esotéricos” para mantermos a referência indireta aos escritos aristotélicos, são: “A revolução crítica de Kant: por uma razão tensa”; “Hegel e a dialética como radicalização da crítica”; “Marx e a reviravolta material da dialética”; “A filosofia e o problema do real”; “Filosofia e curso do mundo contemporâneo”. A entrevista, como diz o autor, com ironia e alguma razão, tem perguntas que “são mais interessantes do que as respostas oferecidas”.

Apesar de apresentar dois estilos diferentes de escrita, permanece nessa obra o mesmo vigor dos outros livros do autor, e certa preocupação pela unidade, que aqui se revela pela concepção de filosofia que ele defende: um discurso tenso entre a crítica do real e sua re-significação.

Gleen Walter Erickson é Professor Titular no Departamento de Filosofia da UFRN e membro dos Programas de Pós-graduação em Filosofia e de Estudos da Linguagem, da UFRN, e do Programa de Doutorado Interinstitucional em Filosofia UFRN-UFPB-UFPE

ANDRADE, Abrahão Costa. *Angústia da concisão: ensaios de filosofia e crítica literária*. São Paulo: ESCRITURAS, 2003. [Coleção Ensaios Transversais, n. 20]. 180 páginas. ISBN: 85-7531-068-2.

Treze ensaios: “Ironia, cristianismo, história”; “A crise contemporânea no fim da filosofia”; “Mimesis e esquecimento”; “Finitude e infinitude em Paul Ricoeur”; “J. L. Borges: alteridade”; “Ética e leitura: Ricoeur e Dostoievski”; “Angústia da concisão”; “Filosofia e realidade em Schiller”; “Heidegger, ciência e modernidade”; “Ação e liberdade em Sartre”; “O romance como aprendizado do grito”; “Filosofia e literatura”; “A literatura como incômodo”.

Dois características vinculam esse trabalho: a) o vasto leque temático e b) a unidade de estilo (sóbrio e elegante). Com elas o autor marca um sentido de coerência interna de seus interesses, a saber: fazer filosofia estudando literatura.

ANDRADE, Abrahão Costa. *O pote e a rodilha: tempo e imaginação como história por fazer segundo o pensamento de Paul Ricoeur*. Natal: EDUFERN, 2006. [Coleção Metafísica, n. 6]. 134 páginas. ISBN: 85-7273-308-6.

Trata-se de uma “revisão” de Elementos de uma filosofia da experiência na obra de Paul Ricoeur, tese de doutorado em filosofia defendida na USP, com distinção, em 2001, sob a orientação de Olgária Chaim Feres Matos. São seis capítulos: “O difícil começo: o pote e a rodilha”, “Situação da filosofia & recusa do idealismo”, “Da reflexão à interpretação”, “Do tempo como narração e leitura”, “O sujeito na história”, e “O lugar da imaginação”. Falta Introdução e Conclusão, que foram tratados apenas como “À guisa de introdução: os desafios de Paul Ricoeur”, “À guisa da conclusão: o percurso de Paul Ricoeur”. Não quero especular sobre o significado do título do livro, que é também o subtítulo do primeiro capítulo. Sem dúvida, a frase atinge um grau de poeticidade supimpa. O autor é um estilista de prosa sempre gratificante de ler, e nesse livro de capítulos aparentemente independentes entre si defende, entretanto, uma tese (difícil de apreender, todavia, em uma primeira leitura), segundo a qual, se o ser humano é um ser de linguagem e a linguagem comporta a possibilidade de inovação semântica, seja na metáfora viva, seja na composição de um enredo, então é ontologicamente possível ao ser humano fazer um mundo diferente, aqui, no lado de fora do texto literário.